



A PAIXÃO DE CRISTO IMPRESSÕES

© Carlos R. Caldas Filho¹

Com muita curiosidade, acompanhei as candentes discussões, comentários entusiasmados (pró e contra) e as aceras polêmicas a respeito de *The Passion of the Christ* ("A Paixão de Cristo"), produção independente do laureado ator Mel Gibson. Depois finalmente tive oportunidade de ver o tão falado filme. Por isso, arrisco, mesmo não sendo crítico de cinema, nem especialista em Novo Testamento, a emitir minhas opiniões, impressões e comentários a respeito.

Por um lado, *A Paixão de Cristo* é apenas mais um filme a respeito da vida de Jesus. Por outro lado, um filme único, simplesmente ímpar. De fato, seria interessante apresentar uma comparação crítica entre filmes anteriores sobre Jesus e o de Mel Gibson. Nos primeiros filmes sobre Jesus, produzidos no início do século XX, sequer era mostrado o rosto do ator que interpretava o papel principal, decerto por excesso de pudor por parte dos diretores da época. Tal excesso de pudor chegava às raias do docetismo, por sua recusa (ingênuo) em apresentar o rosto de Jesus. Mais tarde, alguns filmes se tornaram famosos, como *Rei dos Reis* (EUA, 1961) e *O Evangelho Segundo São Mateus* (Itália, 1964) do diretor italiano marxista Pier Paolo Pasolini. Uma mudança tremenda já será percebida em filmes como *Godspell* e *Jesus Christ Superstar*, (ambos produzidos nos EUA em 1973), os quais rompem com uma visão tradicional a respeito de Jesus. *Jesus de Nazaré* (1977), superprodução de Franco Zeffirelli, retoma uma apresentação clássica a respeito de Jesus. Este filme teve um grande elenco, tendo Robert Powell no papel principal, com interpretação magnífica. A visão cinematográfica crítica e acanônica sobre Jesus volta com força em *A última tentação de Cristo* (EUA, 1988), de Martin Scorsese, com o competente William Dafoe no papel principal. O filme de Mel Gibson, por um lado, se alinha com clássicos do estilo filme de Zeffirelli. Por outro lado, como dito há pouco, é um filme único.

A começar pelas inovações introduzidas por Gibson: o filme é todo falado em aramaico e latim. Não é difícil imaginar o trabalho que os atores tiveram nas gravações. Vendo o filme, fica nítido que não é preciso saber aramaico para perceber, pela entonação e pela lentidão da pronúncia, que nenhum ator é falante nativo da antiga língua prima-irmã do hebraico, hoje praticamente

¹ Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie.



morta (só se fala aramaico hoje em algumas remotas vilas da Síria e nas liturgias de algumas igrejas orientais). Não obstante, com esta exigência, Gibson resgata com originalidade um aspecto importante da história. Particularmente fiquei satisfeito ao conseguir entender de vez em quando uma ou outra palavra, tanto em aramaico (no caso, palavras que são as mesmas em hebraico, como *malkuth*, reino, *tsadiq*, justo, *mishpat*, julgamento, *Kephah*, Cefas [Pedro], além da óbvia *amem*) como também em latim (algumas exclamações de espantados soldados romanos diante da flagelação de Jesus: *robustissimum est!*, é fortíssimo!, *credere non posso – resistentia sua es incredibile!* Não posso acreditar – sua resistência é incrível!, *rex verminorum*, rei dos vermes, além de um sonoro e óbvio *idiota*, e do clássico *ecce homo!*, eis o homem dito por Pilatos em referência a Jesus, cf. Jo 19:5). Mas há algumas falhas: é extremamente improvável que Jesus tivesse dialogado com Pilatos em latim, como o filme apresenta. O mais lógico é que tal diálogo tivesse acontecido em grego *koiné*, a “língua franca” do mundo mediterrâneo da época.

Outra inovação a meu ver interessante por demais é o diabo completamente andrógino – não dá para saber se quem o interpreta é homem ou mulher, trajando uma veste que faz lembrar o *Imperador*, aquele do “lado negro da força” da série “Guerra nas Estrelas”, (*Star Wars*). Há que se reconhecer, no entanto, o óbvio: em nenhum evangelho canônico o diabo aparece tanto nas narrativas da Paixão. Mesmo assim, achei sensacional a cena em que, após a morte de Jesus, o diabo grita em completo e absoluto desespero, ao finalmente perceber que, a aparente derrota de Jesus, na verdade foi uma vitória!

O filme segue o roteiro dos evangelhos. Aliás, Gibson pula de um evangelho para o outro com muita habilidade e destreza. Isto se constitui, a meu ver, a um só tempo, em virtude e fraqueza. Pois não há um único relato sobre Jesus nas Escrituras. Sabemos que os evangelhos apresentam a narrativa da paixão com diferentes estruturas literárias, a partir de diferentes pontos de vista, diferentes perspectivas e com diferentes propósitos teológicos. Por isso, é muito difícil, quiçá impossível, apresentar uma cronologia absolutamente exata dos últimos acontecimentos da vida terrena de Jesus. Apesar desta dificuldade, Gibson apresenta muito bem relatos que só aparecem em um evangelho, como por exemplo, Jesus curando a orelha do servo do sumo sacerdote (Lc 22:51 – os demais evangelhos não mencionam a cura, só o fato de Pedro ter ferido o homem), a advertência da mulher de Pilatos ao seu marido, aconselhando-o a não se envolver com um acusado justo (Mt 27:19), Jesus levado a Herodes (Lc 23:8-12). Mas algumas omissões



são muito estranhas: não entendi as opções de Gibson em deixar de fora de seu filme eventos importantes, que tiveram influência direta na morte de Jesus, como por exemplo, o ataque de Jesus aos cambistas e vendedores dos átrios externos do Templo (Marcos 11:15-18) ou a expectativa popular que se criou em torno da possibilidade de Jesus restaurar a monarquia israelita (João 6:1-15). Há várias cenas em *flashback* no filme (como por exemplo, uma cena do Sermão da Montanha). Pelo menos a cena da expulsão dos vendilhões do Templo poderia ter aparecido em *flashback*. Em linhas gerais, o filme de Gibson segue a seqüência do evangelho de João. Possivelmente especialistas em Novo Testamento apresentarão críticas à harmonia dos evangelhos proposta por Gibson. Mas Gibson fez um filme, não um tratado teológico.

Lembro-me no filme de alguns momentos que não constam dos evangelhos canônicos: a seqüência em que Cláudia, mulher de Pilatos, entrega uma toalha a Maria, mãe de Jesus, que a utiliza para enxugar o sangue que o filho derramou quando foi flagelado (antes da crucificação), o episódio em que Verônica enxuga o rosto de Jesus na *Via Dolorosa* (cena que, conquanto tradicional e muito conhecida da piedade popular católico-romana, é ausente do relato bíblico – na verdade, o mito de Verônica foi cunhado na Idade Média. O próprio nome “Verônica” é um nome híbrido, composto pelo latim “*vero*”, verdadeiro, e o grego “*ikon*”, imagem; a “imagem verdadeira” teria sido a imagem de Jesus impressa como um carimbo de sangue na toalha), as duas Marias (a mãe de Jesus e Madalena) e João acompanhando na casa de Caifás o julgamento de Jesus, o momento em que um corvo (típica ave de mau agouro em culturas do norte-atlântico) bica os olhos do ladrão impenitente. Talvez a mais estranha cena não bíblica no filme de Gibson seja a que mostra Judas Iscariotes correndo em desespero, perseguido por uma multidão de meninos apresentados como pequenos demônios – isto definitivamente não tem nada a ver com textos bíblicos tão preciosos como Marcos 10:14. Outra cena presente no filme, mas ausente dos relatos bíblicos, é o terremoto que, no momento em que Jesus expira, faz rachar o próprio templo, quando, à luz do relato neotestamentário, foi o véu que se rasgou, não o templo (cf. Marcos 15:38).

Mas *A Paixão de Cristo* retrata com fidelidade, entre tantos relatos dos evangelhos, o sadismo dos soldados romanos, a fraqueza de Pilatos (que tem poder, mas se rende à pressão dos líderes do Templo), o medo de Pedro, a angústia de Maria diante dos sofrimentos intensos aos quais o filho era submetido (mas quanto a isso, como protestante, não posso deixar de tecer crítica a Gibson: várias vezes o filme mostra a face triste, expressando angústia de Maria. Com a sua insistência em mostrar quase o tempo todo Maria angustiada, acompanhando o sofrimento do filho, não estaria Gibson



apresentando a velha noção teológica romana de *Maria Virgo, mater dolorosa* ["Virgem Maria, mãe de dores"]?? Esta quase ubiqüidade de Maria acompanhando o sofrimento de Jesus não consta de nenhum evangelho canônico. Outra crítica que teço à superênfase mariana de Gibson está no fato que, no filme, quando Jesus é preso, um discípulo corre para avisar Maria o que acontecera. Esta simples e candidamente diz: "começou". Não há base escriturística, e nem sequer no senso comum para isso. Qualquer mãe do mundo se desesperaria ao saber que seu filho foi preso e está para ser torturado), a ajuda que Simão Cirineu dá a Jesus, a princípio compulsória, mas depois, voluntária, a fidelidade do discípulo amado (tradicionalmente identificado com João, autor do quarto evangelho), o único a não debandar e permanecer junto com o Mestre até o fim. Mas sem dúvida, o auge do filme está nas longas (e assustadoras) seqüências da flagelação, do carregar da cruz, e da crucificação propriamente. Nunca jamais houve tamanho realismo em filmes sobre Jesus. A dor que Jesus suportou foi mostrada de maneira impressionante, a um ponto tão convincente que será difícil ver o filme sem se espantar, sem se chocar e mesmo sem chorar com a crueldade extrema dos suplícios impostos ao Senhor. Jim Caviezel (JC – coincidência?), conhecido por seu trabalho em *O Conde de Monte Cristo* (2002), com lentes de contato castanhas (Jesus de olhos azuis, como Robert Powell no filme de Zefirelli, não tem nada a ver), a meu ver, se houve bem interpretando o papel de Jesus.

Vendo o filme, é fácil perceber que Mel Gibson é católico romano. O sofrimento de Jesus é apresentado conforme o tradicional roteiro das estações da Paixão, típico da devocionalidade popular romana. Nem sempre o roteiro da *Via Sacra* é absolutamente fiel ao relato dos evangelhos canônicos. Outra evidência do romanismo de Gibson está quando Pedro, desesperado por ter negado a Jesus se encontra com Maria, a chama de "mãe", e se recusa a receber o carinho, dizendo não ser digno, por ter negado conhecer o Mestre – não há nos evangelhos canônicos nada que diga que os apóstolos chamassem Maria de "mãe". Mas Gibson, mesmo católico romano tradicionalista, se contém algumas vezes: no início do filme, no Jardim do Getsêmani, tentado pelo diabo, Jesus pisa na cabeça de uma serpente (óbvia evocação de Gênesis 3:15), indo contra a interpretação romana da passagem que entende que seria Maria a pisar na cobra – há várias estátuas de Maria que a representam com uma serpente a seus pés.

Que influências Gibson recebeu no processo de construção de seu filme? Decerto, várias. A mim ficou a impressão que uma delas foi o quadro "Cristo carregando a cruz"



(<http://www.artchive.com/artchive/B/bosch/carrying.jpg.html>), de Hyeronimus Bosch, pintor flamengo do século XV. Uma cena logo no início do filme, quando Jesus está sendo julgado pelo Sinédrio, faz lembrar muito o quadro de Bosch. Parece-me também que Gibson deve ter lido *Operação Cavalo de Tróia*, ficção do espanhol J. J. Benitez sobre um oficial da Força Aérea Norte Americana que participa de um projeto ultra-secreto, que o conduz em uma viagem no tempo até os dias de Jesus. Benitez descreve com detalhes, por exemplo, os erros do processo judiciário de Jesus no Sinédrio, a flagelação, a fraqueza de Pilatos. O filme parece seguir o roteiro de Benitez. Mas, como disse, é apenas uma impressão que tive. Não posso afirmar categoricamente que Gibson tenha mesmo lido e seguido Benitez.

Resumindo: muito ainda poderia ser dito a respeito do filme. Talvez eu o faça em outra ocasião. Há diversas possibilidades de leituras do filme. Por enquanto, creio que é suficiente apresentar o filme como bem feito, mas não infalível. Como visto, em *A Paixão de Cristo* por várias vezes Gibson não foi absolutamente fiel aos relatos canônicos. Mas é inegável que o filme tem méritos. O principal deles a meu ver é provocar debates em praticamente todo o mundo. Cristãos poderão ver o filme com seus amigos, e compartilhar sua fé dizendo: "Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras" (1 Coríntios 15:3).

© Carlos R. Caldas Filho